

Palavra Final

Da leitura da palavra à leitura do mundo: como a biblioteca pode contribuir para a formação do leitor

Nosso principal objetivo, ao longo desses três anos de trabalho na Biblioteca Infantil do IBC, é motivar as crianças para a leitura. Para tanto, temos implementado um conjunto de ações que possibilitem essa prática. Há muito como professora de língua portuguesa de 1^o e 2^o Graus, tantas vezes constatamos que crianças e jovens não desenvolveram o hábito de ler, simplesmente pela impossibilidade de extrair da leitura um significado. Esse fato deve-se, entre outros fatores, ao modo como esses alunos foram alfabetizados e conduzidos ao longo da vida escolar.

Com relativa frequência, os jovens procuram as bibliotecas das escolas para o cumprimento de alguma tarefa que lhes foi solicitada pelo professor. Geralmente, buscam na biblioteca material para pesquisa. Raramente (esta é a realidade), vão espontaneamente à biblioteca pelo deleite de uma leitura.

Diante desse fato, a biblioteca significa apenas uma espécie de arquivo, acessível em casos de “necessidade” (trabalhos, provas, pesquisas etc.). A prosa e a poesia literária dormem nas prateleiras, ano após ano. Alguns volumes atravessam incólumes longos períodos e, não raro, sucumbem ante a fúria das traças e dos cupins. Por mais cética e cruel que possa parecer tal afirmação, ela representa a realidade da maioria de nossas escolas e bibliotecas. Em face dessa questão, como reverter esse quadro? Cabe reconhecer a relevância desta problemática e refletir sobre ela: por que deve a biblioteca manter-se estática, parada como um abrigo para poetas mortos se, lá fora, tantos jovens e crianças atravessam a vida escolar, recebendo literatura como remédio amargo?

Acreditamos que compete também à biblioteca (e não apenas ao professor) implementar ações destinadas a motivar os alunos para a leitura. E tais ações devem estar voltadas às crianças desde a fase pré-escolar, apresentando-lhes a literatura, as artes, enfim, a cultura como algo bastante prazeroso, através de várias estratégias que se pode utilizar para tal.

Consideramos ativa e eficiente uma biblioteca que, além de cumprir seu papel convencional, trate, e muito bem, de manter viva as tradições populares e tudo o que estiver relacionado ao folclore do país, sobretudo em um contexto escolar. Dessa forma, ela estará efetivamente contribuindo para a formação do leitor, na medida em que proporciona a esse leitor outras formas de leitura.

Em se tratando de uma população-alvo constituída por alunos portadores de deficiência visual, há que se considerar as peculiaridades do contexto e não se cometer o equívoco de acreditar que a simples transcrição de textos para o Sistema Braille, por si só, seja suficiente para atrair jovens e crianças à leitura, especialmente se esses alunos não desenvolveram o hábito de ler. Ora, se uma criança de visão normal necessita de elementos que se constituam em verdadeiros apelos a sua imaginação, requisitos que tornam o livro mais atraente (cores, arte gráfica, formato, capa etc.), por que a criança cega deveria sentir-se motivada por um texto, pelo simples fato de ele ser legível, ou seja, estar transcrito para o Sistema Braille, ou ser lido de modo convencional por alguém? Tal questionamento não significa, obviamente, deixar de reconhecer a importância das transcrições de títulos para o Sistema Braille, bem como a gravação de livros. Contudo há que se considerar que a leitura para a criança cega também precisa ser uma leitura interessante, lúdica, compreensível, inteligente; uma leitura que amplie as referências que ela tem do mundo e que desperte nessa criança a paixão de ler.

Em face dessa constatação, conclui-se que a narração expressiva de histórias bem escolhidas é um passo fundamental para que o professor (ou o bibliotecário) venha a transformar os alunos em bons leitores. É importante que a criança encontre no espaço da biblioteca o encantamento do lúdico, através do texto que vai ouvir, do jogo dramático, das parlendas, da musicalidade, das oficinas de criação, dos objetos sonoros e brinquedos, instrumentos tão importantes quando se trabalha com crianças portadoras de deficiência visual. Histórias contadas pelos avós, contos populares e lendas (tantas vezes considerados

irrelevantes pela escola) se constituem em recursos fascinantes para as crianças. Por que não explorar esse rico filão e despertar-lhes o interesse a partir dessa literatura popular? Por que não cultivar na criança o hábito de algo que está relacionado a sua cultura, as suas raízes, sobretudo se essa prática se constitui em fonte de prazer?

Assim tem sido nosso trabalho na Biblioteca Infantil do IBC. Ao longo de nossa prática, tentamos atrair o interesse das crianças para o livro literário, já que acreditamos que o caminho mais eficaz para a formação de leitores seja através da Arte. Folguedos folclóricos impregnados de musicalidade, narração de histórias, leituras dramáticas e oficinas de criação alternam-se com a hora destinada ao livro.

A formação do Boi Bumbá, durante o ano letivo de 1998, motivou bastante os alunos do IBC. Através das toadas, das danças, do ritmo dos tambores, dos adereços indígenas e das pinturas pelo corpo, os alunos mergulharam em uma cultura que não conheciam, mas que faz parte de suas raízes. Do mesmo modo que os caboclos da Amazônia, foram seduzidos pela figura do boi, um personagem que acaba se tornando o centro das atenções, como se tivesse vida própria. Este ano, organizamos a Folia de Reis, um evento que mobilizou professores, pais, funcionários e alunos do IBC, num comovente movimento em prol do resgate das nossas origens. A Folia de Reis do Instituto Benjamin Constant, constituída por 49 participantes, contou com alunos das mais variadas faixas etárias. Seja para cantar, dançar ou brincar, as crianças do IBC estão gradativamente adquirindo o hábito de freqüentar a Biblioteca e folhear os livros: já descobriram que há histórias “escondidas” neles.

***Sandra Maria Castiel Fernandes é professora de Literatura Infantil
do IBC***